

A Mente versus o Cérebro

Dalmo Duque dos Santos

"A lembrança não poderia resultar de um estado cerebral. O estado cerebral prolonga a lembrança; faz com que ela atue sobre o presente pela materialidade que lhe confere; mas a lembrança pura é uma manifestação espiritual. Com a memória estamos efetivamente no domínio do espírito." Henri Bergson

No século XIX desencadeou-se uma das mais intrigantes guerras ideológicas que a humanidade já havia presenciado. Em plena Era Industrial a Ciência foi estruturando-se em rígidos sistemas racionalistas e passou a questionar todo o tipo de conhecimento que não se adequava aos paradigmas da sociedade capitalista. O principal deles era a religião católica cujos dogmas medievais impediam a expansão da moralidade burguesa e principalmente dos seus interesses econômicos. Era uma espécie de vingança histórica contra os abusos e perseguições aos livre-pensadores que durante séculos vinham sendo esmagados pelo terrorismo inquisitorial. Charles Darwin, Herbert Spencer, Karl Marx e Friedrich Nietzsche foram, entre tantos outros, os principais demolidores da fé dogmática e da propagação das teorias materialistas. Essa guerra de idéias foi polarizada em diversos campos, mas em alguns deles as batalhas certamente foram mais ardentes e encarniçadas: a biologia versus a física; o cérebro versus a mente; o determinismo versus o livre-arbítrio e, finalmente, o materialismo contra o espiritualismo. O conflito prosseguiu e o chamado pensamento científico veio levando todas as vantagens sobre o adversário religioso, pois tudo parecia convergir para ao encontro dos seus interesses e adentrou o século XX com uma força avassaladora. Para se ter uma pálida idéia dessa combinação entre a ciência e o capital, os conflitos militares, que raramente ultrapassavam os limites das ambições fronteiriças das nações, romperam de forma espetacular essa barreira geográfica. Essa união conseguiu transformar as guerras locais e regionais em guerras mundiais. Não foi por outro motivo que elas se ampliaram: o capital tornou-se um interesse mundial e a guerra acompanhou a mesma tendência de globalização. Ante o festival de posturas radicais de céticos e crentes, surge nessa transição entre dois séculos uma inteligência fora dos padrões comuns na época e que causaria um certo desconforto entre os dois extremos do conflito. Em meio ao longo percurso dessa confusão entre o ser e o não ser, o filósofo francês Henri Bergson (1859-1940) observa calmamente essas discussões estéreis e dispara uma pergunta fatal:

"Se a mente é a matéria, para que serve a consciência?"

A pergunta era também uma resposta às posturas dogmáticas dos religiosos, em sua maioria coniventes com a escravização de consciências, e também aos cientistas, que agora assumiam de forma arrogante a posição de novos sacerdotes e donos da verdade. A questão que permanecia no ar era a seguinte: Afinal, o que é a mente? É uma realidade ou uma ilusão? Ilusão de ótica ou ilusão mágica provocada pela inteligência humana?

É que na perspectiva teórica materialista a mente é alguma coisa muito concreta, espacial, lógica, objetiva, física, absoluta. Já na perspectiva espiritualista ela é vista como alguma coisa mais abstrata, temporal, psicológica, subjetiva, metafísica e, portanto, relativa. Apesar do confronto de opiniões, as duas facções filosóficas estavam buscando respostas dentro dos seus modelos de pensamento. Mas Bérngson, livre das limitações do método positivo e dos dogmas religiosos, mesmo porque não estava muito preocupado em provar nada, a não ser para si mesmo, entendia que a questão essencial dessa discussão sobre a vida e a existência estava na compreensão de outras coisas que antecediam essas teorias como, por exemplo, a necessidade de uma filosofia do tempo. Sem essa filosofia seria impossível entender esses fenômenos existenciais. Dizia ele:

“Tempo é duração, portanto transformação”.

Para ele o essencial não era definir a existência e ou não existência, mas compreender que as coisas mudam e porque mudam. Somente os seres que observam o tempo passar podem compreender a si mesmos. Somente aqueles que estabelecem a interligação existencial entre passado, presente e futuro podem estabelecer a relação entre causa e efeito. Mesmo os seres inferiores da Criação se guiam pelos ciclos do tempo natural, pelo clima, pelas estações, pelos ventos, chuvas, secas e tantos outros fenômenos da rotina natural. Já os seres humanos se guiam pelo tempo histórico, cuja referência são os acontecimentos e as experiências adquiridas, os fatos marcantes da existência. Negar o tempo é o que se chama de alienação e certamente da consciência. Bérngson insiste nessa lógica causal:

“Tempo é acúmulo. O futuro é a transformação do passado”.

A consciência passa ser então o grande fator diferencial em todas as discussões existencialistas. Se alguns querem apenas conhecer e explicar os mecanismos da vida e outros, por outro lado, querem fazer desse conhecimento um ato religioso e de adoração, o problema da consciência deverá sempre estar presente, pois funciona como termômetro dos observadores sobre todas as coisas. Ao fazer essas reflexões o pensador francês concluiu que todos nós somos criaturas em constante processo de mutação, que somos suscetíveis a mudanças enriquecedoras e que somos livres para pensar e agir na construção dos nossos destinos:

“Para um ser consciente, existir é mudar, mudar é amadurecer, amadurecer é continuar criando a si mesmo eternamente”.

Desafiando o dogma da superioridade humana sobre os demais reinos da natureza, Bérngson nos leva a admitir que a consciência é um estado de

percepção e atuação que antecede aos órgãos físicos que lhe facilitam a manifestação no meio em que vivem. Para cada estado existencial configura-se um grau de consciência proporcional à necessidade daquele respectivo ser:

“Teoricamente, então, tudo o que está vivo pode estar consciente; não é necessário ter cérebro para estar consciente, assim como não é preciso ter estômago para digerir. Uma ameba faz digestão”.

Nessa comparação aparentemente irônica, Bérqson descobriu a roda da evolução anímica, uma verdade muito antiga ensinada nas mais conhecidas escolas iniciáticas do Oriente. Outros filósofos contemporâneos e espiritualistas também raciocinavam nessa mesma linha. Para eles todos seres são vivos e o que os diferencia é exatamente o grau de consciência que carregam em seu psiquismo potencialmente evolutivo: no Reino Mineral a consciência dorme, no Reino Vegetal ela sonha, no Reino Animal ela desperta e no Reino Humano ela rompe o limite da irracionalidade e ganha novas dimensões que nunca cessam até a plenitude na eternidade à frente. Somente os seres humanos superam gradualmente os instintos e o determinismo biológico e passam a fazer as escolhas que caracterizam o livre-arbítrio. Viver é fazer escolhas, tomar decisões, adotar posturas, enfim manter o controle da máquina corporal e do sistema operacional mental. É assim que passamos a ter um grau mais complexo de consciência, que sabemos que existimos, que nos comportamos com exclusividade individual e que fazemos parte de um plano vivencial. E esse plano possui, aos nossos olhos ainda muitos limitados, dois aspectos: o da Vida e o das Existências. Pela própria lógica do tempo que observamos, seja absoluto ou relativo, concluímos que a nossa Vida é única, mas as nossas existências são diversas. Mesmo assim, continua funcionando em dois aspectos: o individual, que é intrapessoal; e o coletivo, que são as nossas relações interpessoais, pela lei de sociedade. A combinação desses dois sentidos vivenciais resulta na formação da nossa personalidade, processo de uma longa jornada de construção no tempo e no espaço. Abrangendo a vida pessoal e coletiva, a consciência desperta e se desenvolve na medida que amadurecemos pela idade biológica ou pelas incontáveis experiências que realizamos nas suas inúmeras existências.

Consciência, portanto, é saber quem somos, que temos uma memória e participamos de um grupo social, num determinado tempo da História. Cada um de nós tem um passado e também fazemos parte da História de todos e de tudo que acontece ao nosso redor. Quem não possui essa consciência torna-se alienado, isto é, inconsciente, desligado da realidade que o cerca, fora do contexto histórico em que vive. Ao persistir nessa alienação o ser quase sempre permanece dominado e dependente dos outros; não usa o livre-arbítrio porque não faz escolhas conscientes; anula assim a sua individualidade e permitem que outras consciências façam as escolhas que ela deveria fazer.

Mas o despertar da consciência em graus mais complexos só ocorre quando começamos a conversar conosco mesmos, fazendo perguntas e tentando digerir respostas. Esse despertar é sempre caracterizado pela constante insatisfação do ser, consigo mesmo e com as coisas que acontecem ao seu redor. Para evitar um desequilíbrio sempre tomamos algumas providências

defensivas, para suportamos as constantes crises que nos assaltam a alma. Dependendo da circunstância, a humildade, a aceitação, a resignação, são defesas muito úteis; noutras situações optamos pela agressividade em suas diversas manifestações. E assim vamos tocando o barco, sempre rio acima. Mesmo quando paramos em algum porto, que é o tempo presente, ou quando ficamos à deriva, muitas vezes arrastados pelas correntezas do tempo passado, não perdemos a noção de qu e estamos nos dirigindo rio acima, que é o tempo futuro. Para cada ser esse percurso tem um significado muito pessoal e uma dinâmica diferenciada. Cada um tem o seu tempo e o seu ritmo, mas todos têm o mesmo destino.

Essa é chave da consciência mais ampla e da busca de auto-realização em que todos nós persistimos; é a equação existencial que tenta solucionar a ligação entre essas três referências de tempo que ocupam as nossas mentes: o que fui, o que sou e o que vou ser. Tal solução só será encontrada quando estivermos preparados para conhecer a verdade integral das coisas e não em partes como o fazemos atualmente. São dúvidas que carregaremos futuro acima e sabe lá quando estaremos maduros e satisfeitos com essas respostas. Mas a importância não está nas respostas em si, pois se as obtivéssemos agora provavelmente não as compreenderíamos integralmente, com o devido valor que elas exigem; o que importa nesse momento são as experiências e reflexões delas decorrentes, com todas as dificuldades e implicações que elas representam em nossas vidas. Isso é o que podemos chamar de estado de coisas, de consciência..

Artigo Reproduzido com Autorização do Autor